

A EDUCAÇÃO MATEMÁTICA DE SURDOS NA CONTRAMÃO DA PROPOSTA DA ESCOLA INCLUSIVA?

Maria Cristina Polito de Castro , Janete Bolite Frant

UNIBAN - Universidade Bandeirante de São Paulo – Anhanguera, Brasil

cristinapolito@hotmail.com , janetebolite@yahoo.com.br

Médio Alto – Educação Especial

Este artigo visa discutir as ações polêmicas sobre a proposta da escola inclusiva no que diz respeito ao ensino/educação matemática de alunos surdos.

No Brasil, ressaltamos a relevância da proposta na PNE - Política Nacional de Educação (2007) de uma mudança estrutural e cultural da escola para que todos os alunos tenham suas especificidades atendidas. No entanto, essas especificidades precisam ser repensadas sob um novo enfoque para que de fato ocorra uma mudança, porque para nós não faz sentido permanecer limitadas aos alunos que se enquadram nas antigas definições e caracterizações de deficientes, especiais, portadores de necessidades especiais. Sobretudo se a palavra inclusão significa a dominação de uma cultura sobre outra, no caso os alunos surdos se incluiriam na sala de aula ouvinte sendo obrigados a abandonar sua própria cultura ou segundo nossa hipótese sendo obrigado a acreditar que a cultura ouvinte seria “a cultura” válida.

Não procede, portanto, atribuir o caráter de exclusão social, de forma indiscriminada, às instituições que se propõem à especialização de determinadas necessidades educativas especiais. Só é possível compreender a defesa da coexistência da escola especial para o aluno surdo se existe o reconhecimento da cultura surda.

Sendo que o reconhecimento da Língua Brasileira de Sinais implica no reconhecimento da cultura surda, porque a língua emerge da necessidade de comunicação do ser humano e, portanto, ela é transmitida culturalmente. A língua de sinais é para os surdos uma adaptação única a um modo sensorial; mas é também, e igualmente, uma corporificação da identidade pessoal e cultural (Sacks, 2007, p.136). Portanto, a formação de sua identidade está diretamente associada ao meio social e a sua forma de comunicação (Fernandes, 2008).

Antes mesmo de questionar se a escola regular inclusiva está preparada (ou se vem se preparando) para a instrução e a formação do aluno surdo nesta perspectiva, cabe lembrar que a própria escola especial lida com as diversas opções familiares quanto à forma de comunicação e que o aprendizado em Libras, em geral, tem início tardio em relação às possibilidades da criança para esse aprendizado. É comum a criança surda, filha de pais ouvintes, desenvolver uma comunicação gestual que é de caráter familiar e que cabe à escola gradativamente substituir esta “linguagem” para ensinar a língua brasileira de sinais.

E os sinais para e na comunicação matemática? Seriam impostos? Como numa sala de aula regular, por exemplo de geometria, seria a atenção do professor de matemática e do intérprete para que os sinais emergissem do aluno?

A Educação Matemática tem como princípio promover investigações relativas às práticas matemáticas no âmbito educacional visando à melhoria da qualidade do ensino e da aprendizagem da matemática, que segundo D'Ambrosio é necessário

a adoção de uma nova postura educacional Um novo paradigma se faz necessário para o desenvolvimento de criatividade desinibida e que conduz a novas formas de relações interculturais que devem proporcionar o espaço adequado para a equidade social e cultural (1999, p.90).

Portanto, a questão que discutiremos é como pode ser dado sentido ao ensino da matemática para o aluno surdo “sufocado” pela sociedade ouvinte? Apresentando exemplos de alguns trabalhos realizados, de forma contextualizada de caráter multicultural e transdisciplinar, reconhecendo o bilinguismo como um fator sociocultural que viabiliza a educação matemática do Surdo.

Referências bibliográficas:

BRASIL. Lei Federal Nº 10.436. Brasília 2002

BRASIL. Decreto 5626. Brasília 2005

BRASIL. Resolução CNE/CP 01/2006. Brasília 2006

D'AMBRÓSIO, Ubiratan. *Etnomatemática: Elo entre tradições e a modernidade*. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

_____. *Educação Matemática: Da teoria à Prática*. Campinas S.P: Papyrus, 2000.

_____. *Educação para uma sociedade em transição*. São Paulo: Papyrus, 1999.

FERNANDES, Eulalia (org). *Surdez e Bilinguismo*. Porto Alegre: Editora Mediação, 2008.

GEERTZ, Clifford. *A Interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

LACERDA, Cristina B. F. *A inclusão escolar de alunos surdos: o que dizem alunos, professores e intérpretes sobre esta experiência*. Cad. Cedes, Campinas, vol.26, n. 69, 2006.

LAPLANE, A. L. F. (org.) *Políticas e práticas de educação inclusiva*. Campinas: Autores Associados, 2004.

LUCKESI, C. C. *Filosofia da Educação*. São Paulo: Cortez, 2001

MAZZOTA, Marcos J S. *Educação Especial no Brasil: História e Políticas Públicas*. Cortez, 2001.

ROCHA, Solange. *O INES E A EDUCAÇÃO DE SURDOS NO BRASIL: Aspectos da trajetória do Instituto Nacional de Educação de Surdos em seu percurso de 150 anos*. Rio de Janeiro: INES, 2008

_____. *Visitando o acervo do INES*. IN: Espaço - Informativo Técnico Científico do Ines. Rio de Janeiro, n.27, 2007

_____. *Visitando o acervo do INES*. IN: Espaço - Informativo Técnico Científico do Ines. Rio de Janeiro, n.28, 2007

SACKS, Oliver W. *Vendo vozes: uma viagem ao mundo dos surdos*. Tradução Laura T. Motta. São Paulo: Companhia das Letras, 1998

SKLIAR, Carlos. (org.) *Os estudos surdos em educação: problematizando a normalidade*. In: *A Surdez: Um olhar sobre as diferenças*. Porto Alegre: Editora Mediação, 1998.

TEIXEIRA, Anísio. *Pequena Introdução à Filosofia da Educação: A Escola Progressiva ou a Transformação da Escola*. Rio de Janeiro: DP&A, 2000